



Futebol Clube. Todos gritam simultaneamente, e só no meio dessa gritaria é que eles se entendem bem. Cada qual consegue escutar perfeitamente tudo o que os outros dizem, jamais perdem um "pregão" importante. E' que naquela aparente algazarra existe uma ordem perfeita: um mecanismo intrincado mas de seguro funcionamento, só muitos anos de constante contatô permite o entendimento. Transações comerciais as mais importantes são ali realizadas num minuto, sob a ação de uma dessas duas palavras: "vendo" ou "compro".

Não se conclua, entretanto, que é preciso ter bons pulmões, ou uma boa voz de barítono para ser corretor. Há excelentes deles que "piam" baixo, na surdina. O importante é piar no momento oportuno, tanto para vender quanto para comprar. Há, entre eles, um que é famoso e invadido pelo oportunismo de seus pregões: há sessões em que passa o tempo inteiro calado; noutras, quase ao fim, — com a sua voz rouca e apagada — solta um maravilhoso "compro". Diante do seu "compro", já se sabe que a "bolada" vai ser grande...

O corretor, que é nomeado pelo Presidente da República, não tem horário fixo de trabalho, a não ser o tempo da sessão na Câmara: geralmente meia hora, de duas às duas e meia. As compras ou vendas que ele realiza ali, todavia, são feitas sempre por ordem de um corretista, isto é, uma firma, uma companhia que o tem a seu serviço. E o corretor ganha por aquilo que faz; pela venda que efetua ou pela compra que realiza ganha a sua "corretagem", que pode variar de comitente para comitente.

A OFERTA E A PROCURA

O mecanismo da Bolsa de Valores se fundamenta integralmente na lei da oferta e da procura.

Quanto mais interesse houver por um título, mais caro ele fica. De uma hora para outra, um título pode ficar valorizadíssimo, assim como uma ação de alto preço, pode se desvalorizar do dia para a noite.

Já tem acontecido — embora sejam raros esses fatos — de um comitente ganhar, em alguns segundos, milhões de cruzeiros. Como no caso de um corretor que comprou uma grande quantidade de títulos por um preço e imediatamente vendeu por um preço maior. Há tempos, reclamam os corretores, que casos assim verdadeiramente sensacionais não acontecem...

Nenhuma transação em título pode ser efetuada sem ser através da Bolsa, daí a importância desta instituição, que, a bem dizer, estabelece o índice de valorização de títulos e ações das grandes firmas e empresas do Brasil inteiro.

Ali não acontecem história como as de companhias fundadas exclusivamente para vender títulos. Recentemente mesmo, apareceu uma companhia que conseguiu enganar meio mundo, vendendo ações de uma grande firma que se propunha a explorar petróleo. Depois de recolher uma quantia fabulosa, a companhia desapareceu, eclipsou-se... e causou um rombo na vida financeira do país, pois inclusive firmas e instituições idôneas e respeitáveis caíram na conversa. Na Bolsa não podem acontecer essas coisas.

AS VARIAÇÕES

Embora os títulos possam subir ou baixar de preço a qualquer momento, geralmente obedecem a um padrão de oscilação, de acordo com a época do ano, ou com a intensificação de negócios num ou noutro setor da atividade comercial e financeira do país. E' geralmente no fim do ano que o movimento na Bolsa aumen-

ta e grandes transações são realizadas, em virtude dos balanços operados nas grandes companhias.

Merece um comentário à parte o caso das obrigações de guerra que estão muito desvalorizadas, embora, em consequência de manobra financeira de certas firmas possuidoras de grande quantidade delas, tenham subido de preço há questão de dois meses. No dia em que realizamos esta reportagem, o título de 1.000 cruzeiros estava sendo apregoado por apenas 785.

Em compensação estão valorizados os títulos do Banco do Brasil: a ação de duzentos cruzeiros é vendida por 610. Assistimos a um debate curioso entre dois corretores, com relações a estas ações. Durante quase dez minutos, ficaram gritando, um frente ao outro:

- Vendo Banco do Brasil, 610!
- Compro, 605!
- 610!
- 605!

Os dois eram intransigentes, e as ações não foram negociadas.

SÃO UNIDOS

Um fato digno de nota é a união reinante entre os corretores. Somente são adversários durante a meia hora da sessão. Assim que esta é concluída ficam num bate-papo fraterno, aos grupos, até a hora de irem para o escritório. Porque outra parte importante, não a mais importante, da compra é efetuada no escritório, sempre no escritório: o pagamento — que, de acordo com a lei, tem que ser efetuado, no máximo, vinte e quatro horas após a transação.

Prova magnífica da união dos corretores é que a atual sede da Bolsa ou — como eles preferem — da Câmara Sindical — foi construída com o dinheiro deles próprios. Juntaram-se todos (trinta e poucos), cotizaram-se e mandaram construir o edifício, ali na Praça 15.



OS HOMENS SÃO, geralmente, maiores de quarenta — ou de cinquenta. Mas uma jovem senhora cheia de joias interveio com sua voz argentina

Carta a Newton Prates

Meu velho —

Tenho lido com a maior delícia, e atenção, esse "Arquivo" que v. faz toda semana em "Comício". Confesso, porém, que às vezes me dá uma tristura esse mergulho no passado — essas histórias de Campos Sales no fim do governo, a discussão dos jornais, o movimento do povo. "Tão Brasil", como dizia o falecido Mario de Andrade. Mas enquanto você cata coisas nos jornais de cinquenta anos atrás eu me lembro, Newton, de um jornal de ha 20 anos.

Foi, talvez, essa visita do sr. Getúlio Vargas a Minas. Houve outra, em 1932 ou 33, — quando v. dirigia o "Diário da Tarde" de Belo Horizonte o Otávio Xavier era secretário e eu (hoje velho dromedário, a vagar por este deserto de homens e aranhas) era um jovem e esperançoso fôca. O noticiário do Rio nos chegava pelo telefone: meia hora que a agilidade de nosso velho Siqueira, o bom Biriba, transformava em muitas colunas de "telegramas". Alguém de brincadeira, forjou um, dizendo que quando o sr. Vargas entrasse em Ouro Preto iriam os sinos dobrar finados. Era apenas para dar um susto no secretário — mas acabou saindo no jornal, num canto da primeira página. Foi um escândalo, mas o pior dele é que muitos lhe deram fé.

Por mais que o tenente Gregório diga o contrário, sempre tive para mim que o sr. Vargas não gosta de Minas, nem ela dele. As festas que se fazem não convencem; são, no fundo, frias e sem graça. Veja que a falta de assunto do sr. Vargas em Belo Horizonte chegou a um tal cumulo que ele nos saiu com essa grave tolice de dizer dos mineiros que o "próprio nome indica certa predestinação histórica nesse sentido", isto é, no sentido da mineração.

O conselheiro Acácio, em uma tarde sem talento, não diria pior.

Mesmo a amizade do sr. Juscelino deve causar certos temores ao sr. Vargas, depois da experiência com o sr. Valadares. E' claro que no momento não há nada, e tudo são flôres, e o sr. Vargas devia estar feliz. Mas ha uma coisa que o impede de gozar bem as delicias do poder, que é o temer de perdê-lo. Dele me disse uma vez, com desprezo, o sr. Bernardes, que não amava governar, mas apenas ficar no governo. Governar é impor idéias, é mudá-las em fatos; e a tristeza fundamental do sr. Vargas, e sua íntima pobreza, é não ter idéia alguma a não ser a de ficar. Ele manda dizer ao povo que não fica; e perde e estraga todo o tempo de seu governo pensando em jeito de ficar.

Sobre siderurgia eu tinha vontade de propôr ao meu amigo José Olimpio fazer uma "plaquette" extraindo, da volumosa obra do sr. Vargas o que ele disse sobre o tema. Ha um seu discurso em São Lourenço em que afirma exatamente o contrário de um outro discurso em Monlevade. Em um caso e outro não mentiu, isto é, não traiu o próprio pensamento — pois não tinha, a respeito, pensamento algum. Pensar lhe dá tédio, e sentir, receio. E' um escravo da paixão vasia.

Minas lhe inspira apenas desconfiança; e quando manda o sr. Lourival Fontes fazer o bom moço com os udenistas da montanha, que fria recordação não tem do Manifesto dos Mineiros e do resultado das últimas eleições!

O tempo mudou, Newton, e nós com ele. Mas Getúlio e Minas não mudaram; e as festinhas que se fazem guardam o mesmo ar equívoco de antigamente, e sempre.

Do amigo velho —

Rubem Braga



Futebol Clube. Todos gritam simultaneamente, e só no meio dessa gritaria é que eles se entendem bem. Cada qual consegue escutar perfeitamente tudo o que os outros dizem, jamais perdem um "pregão" importante. E' que naquela aparente algazarra existe uma ordem perfeita: um mecanismo intrincado mas de seguro funcionamento, só muitos anos de constante contatô permite o entendimento. Transações comerciais as mais importantes são ali realizadas num minuto, sob a ação de uma dessas duas palavras: "vendo" ou "compro".

Não se conclua, entretanto, que é preciso ter bons pulmões, ou uma boa voz de barítono para ser corretor. Há excelentes deles que "piam" baixo, na surdina. O importante é piar no momento oportuno, tanto para vender quanto para comprar. Há, entre eles, um que é famoso e invadido pelo oportunismo de seus pregões: há sessões em que passa o tempo inteiro calado; noutras, quase ao fim, — com a sua voz rouca e apagada — solta um maravilhoso "compro". Diante do seu "compro", já se sabe que a "bolada" vai ser grande...

O corretor, que é nomeado pelo Presidente da República, não tem horário fixo de trabalho, a não ser o tempo da sessão na Câmara: geralmente meia hora, de duas às duas e meia. As compras ou vendas que ele realiza ali, todavia, são feitas sempre por ordem de um corretista, isto é, uma firma, uma companhia que o tem a seu serviço. E o corretor ganha por aquilo que faz; pela venda que efetua ou pela compra que realiza ganha a sua "corretagem", que pode variar de comitente para comitente.

A OFERTA E A PROCURA

O mecanismo da Bolsa de Valores se fundamenta integralmente na lei da oferta e da procura.

Quanto mais interesse houver por um título, mais caro ele fica. De uma hora para outra, um título pode ficar valorizadíssimo, assim como uma ação de alto preço, pode se desvalorizar do dia para a noite.

Já tem acontecido — embora sejam raros esses fatos — de um comitente ganhar, em alguns segundos, milhões de cruzeiros. Como no caso de um corretor que comprou uma grande quantidade de títulos por um preço e imediatamente vendeu por um preço maior. Há tempos, reclamam os corretores, que casos assim verdadeiramente sensacionais não acontecem...

Nenhuma transação em título pode ser efetuada sem ser através da Bolsa, daí a importância desta instituição, que, a bem dizer, estabelece o índice de valorização de títulos e ações das grandes firmas e empresas do Brasil inteiro.

Ali não acontecem história como as de companhias fundadas exclusivamente para vender títulos. Recentemente mesmo, apareceu uma companhia que conseguiu enganar meio mundo, vendendo ações de uma grande firma que se propunha a explorar petróleo. Depois de recolher uma quantia fabulosa, a companhia desapareceu, eclipsou-se... e causou um rombo na vida financeira do país, pois inclusive firmas e instituições idôneas e respeitáveis caíram na conversa. Na Bolsa não podem acontecer essas coisas.

AS VARIAÇÕES

Embora os títulos possam subir ou baixar de preço a qualquer momento, geralmente obedecem a um padrão de oscilação, de acordo com a época do ano, ou com a intensificação de negócios num ou noutro setor da atividade comercial e financeira do país. E' geralmente no fim do ano que o movimento na Bolsa aumen-

ta e grandes transações são realizadas, em virtude dos balanços operados nas grandes companhias.

Merece um comentário à parte o caso das obrigações de guerra que estão muito desvalorizadas, embora, em consequência de manobra financeira de certas firmas possuidoras de grande quantidade delas, tenham subido de preço há questão de dois meses. No dia em que realizamos esta reportagem, o título de 1.000 cruzeiros estava sendo apregoado por apenas 785.

Em compensação estão valorizados os títulos do Banco do Brasil: a ação de duzentos cruzeiros é vendida por 610. Assistimos a um debate curioso entre dois corretores, com relações a estas ações. Durante quase dez minutos, ficaram gritando, um frente ao outro:

- Vendo Banco do Brasil, 610!
- Compro, 605!
- 610!
- 605!

Os dois eram intransigentes, e as ações não foram negociadas.

SÃO UNIDOS

Um fato digno de nota é a união reinante entre os corretores. Somente são adversários durante a meia hora da sessão. Assim que esta é concluída ficam num bate-papo fraterno, aos grupos, até a hora de irem para o escritório. Porque outra parte importante, não a mais importante, da compra é efetuada no escritório, sempre no escritório: o pagamento — que, de acordo com a lei, tem que ser efetuado, no máximo, vinte e quatro horas após a transação.

Prova magnífica da união dos corretores é que a atual sede da Bolsa ou — como eles preferem — da Câmara Sindical — foi construída com o dinheiro deles próprios. Juntaram-se todos (trinta e poucos), cotizaram-se e mandaram construir o edifício, ali na Praça 15.



OS HOMENS SÃO, geralmente, maiores de quarenta — ou de cincoenta. Mas uma jovem senhora cheia de joias interven com sua voz argentina

Carta a Newton Prates

Meu velho —

Tenho lido com a maior delicia, e atenção, esse "Arquivo" que v. faz toda semana em "Comício". Confesso, porém, que às vezes me dá uma tristura esse mergulho no passado — essas histórias de Campos Sales no fim do governo, a discussão dos jornais, o movimento do povo. "Tão Brasil", como dizia o falecido Mario de Andrade. Mas enquanto você cata coisas nos jornais de cinquenta anos atrás eu me lembro, Newton, de um jornal de ha 20 anos.

Foi, talvez, essa visita do sr. Getulio Vargas a Minas. Houve outra, em 1932 ou 33, — quando v. dirigia o "Diário da Tarde" de Belo Horizonte o Otávio Xavier era secretário e eu (hoje velho dromedário, a vagar por este deserto de homens e aranhas) era um jovem e esperançoso fôca. O noticiário do Rio nos chegava pelo telefone: meia hora que a agilidade de nosso velho Siqueira, o bom Biriba, transformava em muitas colunas de "telegramas". Alguém de brincadeira, forjou um, dizendo que quando o sr. Vargas entrasse em Ouro Preto iriam os sinos dobrar finados. Era apenas para dar um susto no secretário — mas acabou saindo no jornal, num canto da primeira página. Foi um escândalo, mas o pior dele é que muitos lhe deram fé.

Por mais que o tenente Gregório diga o contrário, sempre tive para mim que o sr. Vargas não gosta de Minas, nem ela dele. As festas que se fazem não convencem; são, no fundo, frias e sem graça. Veja que a falta de assunto do sr. Vargas em Belo Horizonte chegou a um tal cumulo que ele nos saiu com essa grave tolice de dizer dos mineiros que o "próprio nome indica certa predestinação histórica nesse sentido", isto é, no sentido da mineração.

O conselheiro Acácio, em uma tarde sem talento, não diria pior.

Mesmo a amizade do sr. Juscelino deve causar certos temores ao sr. Vargas, depois da experiência com o sr. Valadares. E' claro que no momento não há nada, e tudo são flôres, e o sr. Vargas devia estar feliz. Mas ha uma coisa que o impede de gozar bem as delicias do poder, que é o temer de perdê-lo. Dele me disse uma vez, com desprezo, o sr. Bernardes, que não amava governar, mas apenas ficar no governo. Governar é impor idéias, é mudá-las em fatos; e a tristeza fundamental do sr. Vargas, e sua íntima pobreza, é não ter idéia alguma a não ser a de ficar. Ele manda dizer ao povo que não fica; e perde e estraga todo o tempo de seu governo pensando em jeito de ficar.

Sobre siderurgia eu tinha vontade de propôr ao meu amigo José Olimpio fazer uma "plaquette" extraindo, da volumosa obra do sr. Vargas o que ele disse sobre o tema. Ha um seu discurso em São Lourenço em que afirma exatamente o contrário de um outro discurso em Monlevade. Em um caso e outro não mentiu, isto é, não traiu o próprio pensamento — pois não tinha, a respeito, pensamento algum. Pensar lhe dá tédio, e sentir, receio. E' um escravo da paixão vasia.

Minas lhe inspira apenas desconfiança; e quando manda o sr. Lourival Fontes fazer o bom moço com os udenistas da montanha, que fria recordação não tem do Manifesto dos Mineiros e do resultado das últimas eleições!

O tempo mudou, Newton, e nós com ele. Mas Getúlio e Minas não mudaram; e as festinhas que se fazem guardam o mesmo ar equívoco de antigamente, e sempre.

Do amigo velho —

Rubem Braga